

2 Formas de organização social do trabalho

2.1 O trabalho artesanal

O trabalho artesanal é uma transformação dos objetos ou, de outros materiais, da natureza, com base no trabalho manual e no uso de ferramentas tradicionais. A produção é pequena e, geralmente, destinada à venda nos mercados locais.

Este tipo de trabalho teve uma grande importância nos países industrializados, até à Revolução Industrial. Em países menos industrializados, como o caso de Timor-Leste, continua a ser dominante. Em Timor-Leste, muitas pessoas cultivam produtos, apenas, para cozinhar os seus próprios alimentos e para fabricar as suas próprias ferramentas de trabalho. Mas, o artesanato também se faz nas cidades, em pequenas empresas onde podem trabalhar várias pessoas. Nos últimos anos, o artesanato foi ganhando importância para as trocas e vendas entre as pessoas.

Antes da industrialização, nos países desenvolvidos, o artesanato realizava-se nas oficinas. Aqui o trabalho era dividido entre um pequeno grupo de pessoas: o mestre artesão, que tinha o conhecimento sobre a fabricação dos produtos; os jornaleiros, que trabalhavam ao dia (eram contratados e pagos por cada dia de trabalho); e os aprendizes, que viviam na casa do mestre artesão, para o qual trabalhavam em troca de casa e de roupa e dos conhecimentos que o mestre lhes transmitia e ensinava.

A produção destes artesãos era, em geral, pequena, comparada com o que hoje acontece nas fábricas. Outros artesãos, contudo, acompanharam as mudanças e começaram a produzir em quantidades cada vez maiores. Juntaram-se a grandes comerciantes, que vendiam os seus produtos. Mas, os próprios artesãos podiam comercializar o que produziam.

Ainda hoje, em algumas sociedades em desenvolvimento, a produção artesanal é um aspeto importante da sua vida económica. Há artesanato que é feito para venda a turistas, mas outro é usado no dia a dia pelas populações. Nos países economicamente desenvolvidos, esta forma de venda e uso do artesanato também continua a existir. No entanto, ela tem menos importância para a economia.

Em Timor-Leste, a produção artesanal está ainda muito presente na sociedade, nomeadamente no fabrico dos tais, da cestaria, da cerâmica e na escultura, entre outras atividades. A produção é feita sem a preocupação principal ser habitualmente vender os produtos. Os homens e as mulheres timorenses usam alguns destes objetos para se embelezarem em dias de



Fabrico tradicional de objetos de argila

celebrações e festas (principalmente as joias), mostrarem o seu estatuto e adquirir mais prestígio social.



Alguns objetos de artesanato utilizados por Timorenses

Atividade



Junto da tua comunidade, faz um levantamento dos artesãos que existem e identifica o tipo de atividade que desenvolvem. Na sala de aula, partilha essa informação com os teus colegas, e, com a ajuda do professor, façam, em conjunto, uma lista de artesãos, organizados por ofício e por localidade. Esta lista pode ser exposta na escola, de modo a divulgar esses ofícios junto dos teus colegas.

2.2 A divisão do trabalho

Nas sociedades industriais existe uma divisão do trabalho muito complexa e diversificada. Ou seja, o trabalho divide-se num grande número de atividades diferentes, nas quais as pessoas se especializam. Mas nem sempre foi assim. Nas sociedades tradicionais (ou pré-industriais e agrárias), o trabalho baseava-se em atividades agrícolas ou em ofícios. Estes eram exercidos por pessoas que o aprendiam durante muito tempo. Nestas sociedades, um trabalhador fazia, desde o início ao fim, tudo o que era necessário para fabricar um produto. Com o desenvolvimento da produção industrial, os trabalhadores passaram a fazer apenas pequenas partes desse produto. Por exemplo, em Timor-Leste, os oleiros usam processos artesanais para fazer as suas peças. Normalmente são mulheres que preparam e moldam a argila que, depois de certo tempo ao ar, cozem no forno aceso em buracos abertos no chão. Deste processo

resultam objetos uteis para as lides domésticas como panelas, bilhas, tigelas, etc. Hoje em dia, nas fábricas, estes objetos podem ser feitos por diferentes pessoas, as quais se especializam em diferentes partes do seu fabrico. Existe, portanto, uma grande diferença entre a divisão do trabalho nas sociedades pré industriais e agrárias e nas sociedades industriais. Nas primeiras, a maioria da população trabalha na agricultura e é autossuficiente. Isto é, produz alimentos para o seu consumo, fabrica as suas próprias roupas e outros objetos necessários para a sua vida. Pelo contrário, nas segundas, existe muita interdependência entre as pessoas. Estas dependem umas das outras para obter produtos e serviços de que necessitam. A grande maioria já não produz os alimentos que consome, não constrói as suas casas, não faz as suas roupas ou fabrica outros bens de que necessita.

Nas sociedades industriais, a especialização das atividades económicas leva a que, por exemplo, muitos países produzam apenas algumas partes dos bens utilizados pela sua população, comprando os restantes a outros países. Por exemplo, uma fábrica de televisões na Austrália pode apenas fabricar um pequeno número de peças. A outra parte das peças pode ser fornecida por outros países, geralmente aqueles que pagam salários mais baixos aos trabalhadores (como, tal como é o caso, da China, da Malásia, da Tailândia, da Indonésia e outros).

Atividade

Responde no teu caderno à seguinte questão:

Quais as principais mudanças que surgem quando se passa do trabalho artesanal para o trabalho industrial?



i

Adam Smith é considerado o pai da economia moderna, e o mais importante teórico do liberalismo económico.

2.2.1 Taylorismo e Fordismo

Taylorismo

Nos finais do século XVIII, foram reconhecidas várias vantagens da divisão do trabalho para o aumento da produtividade. Adam Smith, um dos fundadores da economia moderna, na sua obra “A riqueza das Nações”, descreve a divisão do trabalho, dando o exemplo de uma fábrica de alfinetes. Neste exemplo, ele diz que uma pessoa trabalhando sozinha poderia fabricar 20 alfinetes por dia. No entanto, se este fabrico fosse dividido em várias fases, ficando uma pessoa responsável por apenas uma delas, 10 trabalhadores poderiam produzir diariamente 48.000 alfinetes. Isto quer dizer que, em vez da produção diária por trabalhador ser apenas

de 20 alfinetes, passaria a ser 4.800, o que corresponde a 240 vezes mais. Desta forma, fazendo o trabalho em colaboração com os outros trabalhadores, a produtividade de cada trabalhador é maior do que se trabalhasse sozinho.

Um século mais tarde, **Frederick Winslow Taylor** defendeu o princípio da gestão científica do trabalho. Este princípio defendia que a gestão de uma empresa deveria ser pensada como uma ciência. Era necessário estudar, com muito pormenor, a forma industrial de fabricar um produto. Esta consistia em dividir a fabricação do produto em várias fases, começando pela parte mais simples até se chegar ao produto final.

Este método, que ficou conhecido por **Taylorismo**, era um sistema de produção que pretendia simplificar as tarefas de cada trabalhador, juntando-as umas às outras de uma forma sequencial. Acreditava-se, deste modo, que o trabalhador produzia mais, porque esta maneira de fabricar os produtos era mais eficiente e dava mais lucro. Este sistema teve uma grande influência na organização da produção industrial. Permitia reduzir o tempo necessário para aprender cada tarefa. Desde então, o tempo de trabalho passou a ser visto como qualquer coisa que valia dinheiro (como se fosse uma mercadoria). Se este fabricasse mais peças no menor tempo possível, também ganhava mais.



Frederick Winslow Taylor (1856-1915)

Foi um engenheiro americano. Em 1911, publicou “Os princípios da administração”, obra na qual expôs seu método científico de organização do trabalho.

Taylorismo

Conjunto de ideias desenvolvidas por Taylor, conhecidas como gestão científica, as quais implicam operações industriais simples e coordenadas. Estudo dos processos industriais de modo a simplificar as tarefas de cada trabalhador, integrando-as com as dos outros operários, de forma a maximizar o rendimento industrial.

Aprofundar os conhecimentos

Os trabalhadores passaram a fazer movimentos simples, que se repetiam sempre. O ritmo de trabalho imposto pelas máquinas, e por quem as comandava, era muito forte. Os movimentos dos trabalhadores no fabrico de peças para um produto eram medidos com um relógio por outros trabalhadores chamados supervisores. Eram dados prémios aos trabalhadores que fabricavam mais peças em menos tempo. Esta situação dava origem, muitas vezes, à competição entre trabalhadores. Os trabalhadores mais lentos podiam ser despedidos.

Naquela época, não era exigida a escolarização dos trabalhadores. Muitas vezes, só era necessário estes terem força física. Os trabalhadores eram despedidos se rendessem menos do que aquilo que lhes era imposto pelos patrões, sendo facilmente substituídos por outros. À direção, ou aos gerentes, cabia controlar, dirigir e vigiar os trabalhadores, impedindo inclusive qualquer conversa entre os mesmos. Aos trabalhadores só restava obedecer e produzir sem parar.

Texto elaborado com base em Pacievitch, T. (s.d.). *Taylorismo*. Consultado em 12 de novembro de 2012. Disponível em http://www.infoescola.com/administracao/_taylorismo/



Atividade

Copia o exercício para o teu caderno e marca a opção certa com um X. Apenas uma opção de resposta está correta.

No Taylorismo:

- a) o trabalho é dividido nas suas parcelas mais pequenas devendo cada uma ser realizada por apenas um trabalhador.
- b) um trabalhador faz o produto na totalidade das suas fases de fabrico.
- c) não há preocupação com o tempo gasto pelo trabalhador na realização das suas tarefas.



Henry Ford (1863-1947)

Foi o fundador da empresa Ford Motor Company, que produziu o carro Ford Modelo T, e o primeiro empresário a aplicar a montagem em série de forma a produzir automóveis em grandes quantidades, em menos tempo e a um menor custo.

Fordismo

Os princípios de gestão desenvolvidos por Taylor foram mais tarde aplicados por **Henry Ford**, na produção de automóveis. Este empresário capitalista criou linhas de montagem automatizadas para fabricar estes automóveis, mudando, deste modo, esta indústria, a partir de 1914. Os veículos eram montados em esteiras rolantes de metal. Estas andavam para a frente, enquanto os operários ficavam quase parados a montar as peças nos carros que iam passando à sua frente. Cada operário realizava apenas uma operação simples, não sendo, por isso, quase necessário ter aprendido conhecimentos na escola.



Linha de montagem no fabrico de automóveis

Fordismo

Sistema de produção em grande quantidade a baixo custo, associado ao consumo em massa.

O termo **Fordismo** começou a ser usado para designar este sistema de produção em grandes quantidades e com o custo baixo. A produção na linha de montagem tornou possível a venda de automóveis a preços baixos. Os automóveis tornaram-se mais baratos e acessíveis a uma parte

importante da população. Começou, assim, a ser criado um mercado de consumo de massas. O primeiro veículo produzido, de acordo com o sistema fordista, foi o Ford Modelo T. Segundo a publicidade da época, era um veículo robusto, seguro, simples de conduzir e barato.



Ford Modelo T foi o produto que popularizou o automóvel e revolucionou a indústria automobilística, devido ao seu baixo custo, segurança e facilidade de condução

Aprofundar os conhecimentos

Henry Ford fez a sua primeira fábrica de carros em Highland Park, no Michigan (Estados Unidos da América), em 1908, para fabricar apenas um produto – o Ford Modelo T – o que permitiu o uso de ferramentas especializadas e de maquinaria criada para operações rápidas, precisas e simples. Uma das inovações mais importantes de Henry Ford foi a elaboração de uma linha de montagem. Cada trabalhador da linha de montagem de Ford tinha uma tarefa específica, como encaixar as maçanetas das portas do lado esquerdo, à medida que a estrutura do carro passava ao longo da linha. Até 1929, quando terminou o fabrico do Modelo T, tinham sido fabricados mais de quinze milhões de carros.

Adaptado de Giddens, A. (2000). *Sociologia* (2ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Atividade

Lê, com atenção, o texto seguinte:

Fordismo é um termo que se passou a usar para caracterizar o sistema de produção e gestão criado por Henry Ford. O método fordista de organização do trabalho levou a um grande crescimento da produtividade. Foi possível, assim, fabricar produtos em grande quantidade destinados ao consumo em massa.

Com a ajuda do teu professor, escreve para as fábricas que existem em Timor-Leste a perguntar aos responsáveis como é que o fabrico dos produtos está organizado.

2.3 Limitações das teorias modernas

Apesar do sucesso do Fordismo, a rigidez deste modelo de produção fez com que se tornasse menos utilizado a partir da década de 1970. Uma das limitações que é apontada a este modelo é o facto de ele só poder ser

aplicado em indústrias que fabricam produtos todos iguais, destinados a grandes mercados e consumos. Outra desvantagem do modelo é que ele acabou por tornar muito caro o fabrico dos produtos. Isto aconteceu porque as linhas de produção foram-se mecanizando e automatizando cada vez mais.

A maneira fordista de fabricar os produtos é, também, fácil de copiar, desde que haja capital suficiente para investir na construção de fábricas. Nos países onde os salários são mais elevados esta maneira tem sido abandonada em alguns setores industriais. As empresas destes países já não conseguem competir com as empresas de outros onde os salários são mais baixos, como é, por exemplo, o caso da China. Neste país fabrica-se, atualmente, um grande número de produtos que são vendidos aos consumidores de todo o mundo. É o caso, entre outros, dos telemóveis de algumas marcas, roupa, televisões, rádios, etc. Por outro lado, o Fordismo (e o Taylorismo) também tinha limitações sociais muito grandes. Os seres humanos eram considerados quase como máquinas, fazendo trabalhos repetitivos, monótonos e mal pagos. Desta forma, era difícil motivar os trabalhadores, e os níveis de insatisfação eram elevados.



Atividade

Das afirmações seguintes, distingue as verdadeiras das falsas, copiando para o teu caderno as afirmações que estão corretas.

1. A rigidez do Fordismo levou ao declínio (nos países industrializados) deste modelo de produção.
2. A produção fordista não é fácil de copiar.
3. Uma das críticas feitas ao Taylorismo e ao Fordismo tem a ver com o aspeto social, uma vez que considerava os trabalhadores quase como máquinas.

Sistemas de pequena responsabilidade

Organizações ou contextos laborais nos quais não é permitido grandes níveis de autonomia aos trabalhadores para poderem gerir as suas tarefas.

2.4 A transformação do trabalho

Nos sistemas de produção taylorista e fordista, os trabalhos são definidos pela administração das empresas e ajustados ao funcionamento das máquinas. Os trabalhadores têm muito pouca autonomia na realização das tarefas. Desta forma, os níveis de insatisfação e as substituições e faltas dos trabalhadores tendem a ser elevados. A estes sistemas é atribuída a designação de **sistemas de pequena responsabilidade**.

Em oposição, existem os **sistemas de grande responsabilidade**, nos quais é permitido aos trabalhadores controlar o ritmo e a maneira de trabalhar. A estes sistemas, geralmente, corresponde uma maior satisfação dos trabalhadores em relação ao seu trabalho.

O sistema de produção fordista foi fundamental para a indústria automóvel em todo o mundo, sendo, também, utilizado em outras indústrias. No entanto, como vimos atrás, este sistema entrou em declínio a partir da década de 1970.

Nesta altura, uma outra empresa, a General Motors, tornou menos rígido o seu sistema de fabrico de automóveis. Esta empresa usou outros modelos de produção flexível e fabricou uma maior variedade de carros. Com isso, ultrapassou a Ford como a maior empresa de montagem de automóveis do mundo.

Também na década de 1970, as crises económicas provocadas pelo aumento do preço do petróleo, e a entrada dos japoneses no mercado de automóveis, foram fatores que contribuiriam ainda mais para a crise do Fordismo. Por exemplo, a Toyota criou a sua própria maneira de produzir automóveis, tornando-se, em 2007, a maior empresa de montagem de veículos do mundo.

Desta forma, verifica-se que empresas por todo o mundo, em especial na Europa, Estados Unidos e Japão, começaram a adotar sistemas alternativos aos de pequena responsabilidade.

Sistemas de grande responsabilidade

Organizações ou contextos laborais nos quais é permitido grandes níveis de autonomia aos trabalhadores para poderem gerir as suas tarefas.



A General Motors Corporation, também conhecida apenas pela sigla GM, é uma multinacional com sede nos Estados Unidos, cuja principal área de negócios é a produção de automóveis de várias marcas.



Atividade

Copia as afirmações seguintes para o teu caderno e corrige-as.

1. Com as novas formas de organização do trabalho, nomeadamente os sistemas de grande responsabilidade, os níveis de insatisfação, as substituições e as faltas dos trabalhadores tendem a ser elevados.
2. Os sistemas de pequena responsabilidade permitem aos trabalhadores controlar o ritmo e conteúdo do seu trabalho.
3. Nos sistemas de grande responsabilidade, os trabalhos são ajustados ao funcionamento das máquinas.
4. O sistema de produção fordista entrou em declínio a partir da década de 1980.



É no fabrico de carros que se começaram a verificar as maiores mudanças na organização do trabalho industrial

Automatização

Uso de máquinas (chamadas de robots) para executar e controlar processos de produção, com uma supervisão mínima por parte dos seres humanos.

Sistema de produção flexível

Centro de maquinaria controlada por computador que molda peças metálicas a alta velocidade, em robots que manuseiam as peças e em carros teleguiados que transportam os materiais para o lugar de produção e daí para outras zonas.

Produção em grupo

Produção organizada por pequenos grupos e não individualmente, implicando o abandono da linha de produção e o estabelecimento de grupos de trabalho participativo.

2.5 Pós-fordismo e produção flexível

Na atualidade, tal como vimos antes, o Fordismo tem vindo a ser substituído por sistemas mais flexíveis de organização do trabalho. Nestes, a produção é feita em pequenas quantidades para satisfazer necessidades mais específicas dos consumidores, em vez de se produzirem produtos iguais, em grandes quantidades. Porém, ainda podemos encontrar muitos elementos do sistema fordista, tanto na indústria automóvel, como, por exemplo, na indústria alimentar, têxtil, de calçado, eletrónica, etc..

As mudanças no sistema de produção foram provocadas por vários fatores, entre os quais se destaca, como vimos atrás: a automatização e os sistemas de produção flexível. A estes fatores podemos juntar um outro: a criação de formas de produção em colaboração ou em grupo.

A **automatização** refere-se ao uso de máquinas (chamadas robôs) para realizar a produção, com um controlo mínimo por parte dos seres humanos. Os robôs começaram a ser utilizados na indústria, em quantidades significativas, a partir de 1946, quando foi inventado um dispositivo para regular automaticamente a maquinaria nas fábricas. Com o avanço da tecnologia, os robôs foram sendo cada vez mais utilizados na indústria, nomeadamente a partir dos anos 1970. Nesta altura começaram a ser mais complexos. Passaram, também, a realizar um número cada vez maior de tarefas, até então da responsabilidade dos trabalhadores: soldar, pintar, levantar e carregar pesos, entre outras.

O **sistema de produção flexível** consiste, principalmente, na possibilidade de a produção automatizada nas fábricas poder ser rapidamente mudada para o fabrico de novas peças ou produtos. Estes sistemas conseguem produzir pequenas quantidades a baixo custo. Isto contrasta com o que acontecia na era do Fordismo, em que só se conseguia fabricar um produto a um preço baixo se se produzisse em grandes quantidades.

A **produção em grupo** baseia-se em grupos de trabalho. Por vezes, funciona em conjunto com a automatização, como forma de reorganizar o trabalho. O seu principal objetivo é aumentar a motivação e satisfação dos trabalhadores, uma vez que eles passam a colaborar, em grupo, na fabricação dos produtos. A integração da automatização permite que as tarefas mais rotineiras e aborrecidas sejam feitas por máquinas. Os trabalhadores podem, assim, desenvolver novas capacidades e concentrarem-se em tarefas que os motivam mais.



Atividade

No teu caderno responde às seguintes questões:

1. Diz o que é a automatização das fábricas.
2. Quais são os efeitos da automatização do trabalho.
3. Quais são os objetivos da produção em grupo.

2.6 Trabalho e organização social

Cada empresa ou organização pública representa uma parte da forma como a sociedade organiza a produção dos seus bens e serviços. As ligações e a cooperação entre estas diversas partes constituem elementos importantes para que esta produção aumente o bem-estar individual e coletivo. Organizar o trabalho nas empresas e nas organizações públicas representa, portanto, apenas uma parte da tarefa. É necessário também estabelecer um sistema de ligações entre as diferentes empresas e organizações públicas e fazer com que elas se coloquem ao serviço da sociedade.

A organização social existente numa sociedade pode ser definida pela existência de um sistema de relações de obrigação (deveres e direitos mútuos) entre os diferentes grupos e comunidades existentes num país.

Desta forma, as transformações surgidas na maneira de produzir e nas relações de trabalho têm uma grande importância para a compreensão das relações entre os seres humanos. Nas sociedades pré-industriais e agrárias, a organização social das comunidades baseava-se, em muitos casos, na propriedade coletiva, no parentesco ou nos laços de sangue. Não existia, ainda, uma divisão diferenciada do trabalho em função da maneira como eram produzidos os bens. No entanto, o desenvolvimento do capitalismo, a divisão social do trabalho e o aumento da produtividade do trabalho conduziram à existência de relações sociais, cada vez mais diferenciadas. Os bens passaram a ser distribuídos de forma mais desigual, surgindo, igualmente, uma divisão mais clara da sociedade, resultando em classes.

Durante a época da escravatura e da servidão, o trabalhador da terra tinha-se tornado propriedade do grande senhor, dono das terras, sendo mantido nesta situação pela força. Os servos tinham de entregar aos donos das terras a maior parte dos produtos do seu trabalho, existindo uma relação de servidão/exploração.



Camponeses a entregar produtos resultantes do seu trabalho ao senhor feudal

Com a Revolução Industrial, e o desenvolvimento do capitalismo, o homem transferiu o trabalho artesanal para a indústria mecanizada. O trabalho passou a ser comprado pelos donos das fábricas. Desta forma, surgiu uma separação entre os assalariados e os patrões, ou seja, entre aqueles que vivem da exploração do trabalho e aqueles que realizam o trabalho em troca de um salário.

Esta relação desigual entre os seres humanos deu origem, ao longo dos séculos XIX e XX, nas sociedades ocidentais e nos países colonizados, a muitos movimentos e lutas sociais. Muitas pessoas revoltaram-se contra os efeitos negativos do capitalismo. Revindicavam mais igualdade social e de oportunidades para todos, principalmente para os que pertenciam às classes mais pobres. Nos países colonizados, a estas reivindicações juntava-se a luta pela conquista da independência. No fundo, estes movimentos também reivindicavam o fim das relações de submissão e de exploração no trabalho, a sua dignificação e a sua pagamento de uma forma mais justa.

Atividade

Responde às seguintes questões no teu caderno:

1. Quais as razões que tornaram as relações sociais cada vez mais diferenciadas?
2. Como é que o trabalho se transformou depois da Revolução Industrial?
3. Quais as reivindicações dos movimentos sociais que surgiram ao longo do século XIX e XX?

